

**A INTERTEXTUALIDADE
COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA
NA CRÔNICA DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA**

Ana Isabel Ferreira de Magalhães (UENF)

anaisabelfm2007@yahoo.com.br

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elianaff@gmail.com

RESUMO

Partindo de uma visão sociointeracionista, este trabalho analisa a crônica O homem que conheceu o amor, de autoria do poeta e cronista Affonso Romano de Sant'Anna, publicada no livro Crônicas para jovens, sob o viés da intertextualidade stricto sensu conforme a classificação realizada por Koch (2011). Considerou-se como hipótese que a leitura deva ser um processo pelo qual o aluno-leitor compreenda a língua escrita e adquira o papel de sujeito ativo que interage com o texto. Este trabalho tem como objetivo analisar a intertextualidade como estratégia argumentativa no gênero textual crônica, tendo como embasamento teórico Koch (2008, 2011, 2012), Koch, Bentes, Cavalcante (2008), Marcuschi (2007, 2008) dentre outros. Através da análise referida, foi possível perceber que o autor materializa em seu texto outras falas, por meio das quais realiza seu intuito argumentativo. Nesse sentido, concluiu-se que usamos a linguagem não só para transmitir informações ou ideias, mas também para convencer, atuar e agir sobre a sociedade provocando mudanças e produzindo resultados a partir de nossas ações linguísticas. Constatamos também que, ao usar a intertextualidade, o autor enriquece seu texto, gerando uma leitura hipertextual, que amplia a possibilidade da abordagem da leitura pelo professor e desenvolve no aluno sua competência linguístico-discursiva.

Palavras-chave:

Gênero crônica. Argumentação. Intertextualidade. Leitura. Hipertexto.

1. Introdução

É por meio da linguagem que expressamos e entendemos a realidade que nos cerca. Precisamos, a todo instante, de expressar nossa compreensão do mundo, o que não se dá unilateralmente, já que somos seres sociais e, naturalmente, interativos. Nesse sentido, a linguagem é vista como uma atividade, como forma de ação que constitui e é constituída pelos sujeitos.

Neste trabalho, a linguagem não será analisada apenas como expressão de pensamento ou transmissão de informações para um ou outro indivíduo, mas como o lugar de ação ou “inter-ação”. Logo, a linguagem será vista como um instrumento de interação social que se caracteriza,

fundamentalmente, pela argumentatividade. É na realização dessa interação que os sujeitos comunicativos buscam ser bem-sucedidos em sua intencionalidade discursiva. Na busca da construção do sentido, o locutor/ produtor do texto lança mão de recursos, como, por exemplo, o que aqui nos interessa: a intertextualidade.

Para tanto, este artigo tem como objetivo geral, analisar a importância da intertextualidade como estratégia argumentativa no gênero textual crônica e como objetivos específicos, verificar como o autor remete a outros textos que circulam socialmente e os afirma, refuta ou se apropria deles, a fim de garantir voz de autoridade para seus argumentos e mostrar o funcionamento da intertextualidade como mecanismo argumentativo a ponto de expandir as possibilidades de uma leitura hipertextual. Nesse sentido, tratará do conceito de intertextualidade numa perspectiva sociointeracionista que consiste na abordagem de uma visão que contemple o funcionamento real da linguagem. Tendo em vista aspectos funcionais e argumentativos da intertextualidade, analisaremos a crônica *O homem que conheceu o amor*, escrita por Affonso Romano de Sant'Anna e publicada em seu livro "Crônicas para jovens". Através do trabalho com as marcas linguísticas e textuais em um determinado gênero, no caso, a crônica, este artigo apresenta como problema de pesquisa: de que maneira a intertextualidade interfere na construção de argumentos e como esses intertextos são manipulados pelo autor que visa à defesa de um ponto de vista?

Nesse sentido, considerar a intenção comunicativa da linguagem é fundamental para o ensino de língua portuguesa. Desse modo, a argumentação é um processo que deve ser trabalhado no sentido de orientar o discurso para se chegar a determinadas conclusões. O ensino de língua portuguesa, centrado na gramática normativa, não oferece essa perspectiva interativa que permite à observação, a análise, a atualização, isto é, o acesso democrático ao uso da língua com todas as suas potencialidades. Nesse contexto, com a finalidade de oferecer subsídios ao professor de língua portuguesa e literatura, já que o gênero crônica faz parte do currículo mínimo²⁰ do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio, esse trabalho torna-se relevante, pois busca caminhos para a utilização do gênero crônica em que será utilizado como instrumento para

²⁰ Grade curricular utilizada pelos professores da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, que desde 2012 serve como referência a todas as escolas estaduais. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/curriculo_identificacao.asp>.

trabalhar as dificuldades de transposição da modalidade oral para a escrita e chamar a atenção para os vínculos que esse gênero estabelece com a conversação cotidiana.

2. Metodologia

Quanto à metodologia utilizada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa em artigos científicos, livros teóricos e desenvolvimento de análise e considerações pautadas na reflexão acerca dos dados levantados junto ao texto escolhido. A pesquisa, de caráter qualitativo, fundamentou-se na perspectiva da linguística textual. As reflexões e as considerações da crônica abordada levaram em conta a compreensão textual que é realizada a partir de um contato estreito e íntimo do aluno com o texto, e não de contato distante e superficial com o mesmo. Foi realizada uma leitura minuciosa do texto em análise para que se pudesse identificar o tipo de intertextualidade ali utilizado. Para tanto, se fez necessário evidenciar o diálogo da crônica “O homem que conheceu o amor” com outros textos, visto que essa abordagem textual se faz muito útil para o professor de língua portuguesa já que, ao apresentar, em sala de aula, textos como a crônica analisada, estará oportunizando aos seus alunos que desenvolvam a competência de desvendar as outras vozes dentro de um texto, e ainda, trará em cena um leitor crítico e capaz de maior compreensão das intenções do autor. A partir da identificação do tipo de intertextualidade utilizado pelo autor, procurou-se analisar como Affonso Romano de Sant’Anna a utiliza em seu texto como estratégia argumentativa, ou seja, para sustentar seu ponto de vista e convencer o leitor de sua tese. Assim sendo, faz-se importante destacar como a intertextualidade enriquece um texto, já que traz outras vozes dialogadas na crônica. Para tanto, investigou-se a intertextualidade como uma leitura hipertextual. Desse modo, a intertextualidade utilizada na crônica, foi analisada como hipertextos, já que o leitor é provocado a buscar outros textos e conduzir sua leitura da forma que preferir, ou seja, de forma não linear. Como se cada intertextualidade fosse um link que encaminhasse o leitor para um universo de leituras que o faz refletir e buscar mais e mais textos que dialoguem e viabilizem uma pluralidade textual.

3. Referencial teórico

Partindo de uma revisão bibliográfica, propõe-se, através das considerações de Koch (2011, 2012), Koch, Bentes, Cavalcante (2008), Marcuschi (2007, 2008) dentre outros, tratar do conceito de intertextualidade numa perspectiva sociointeracionista, na qual o texto não é tido como produto acabado em si mesmo, mas como resultado do processo de interação entre locutor e interlocutor. Para tanto, analisaremos a crônica O homem que conheceu o amor, de autoria de Affonso Romano Sant'Anna, conforme a classificação considerada por Koch (2011), ou seja, a intertextualidade *stricto sensu*. A autora considera “a intertextualidade em sentido restrito a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (KOCH, 2011, p. 62). Assim sendo, classifica em quatro tipos a intertextualidade em sentido restrito: temática, estilística, explícita e implícita. Nesse sentido é que apresentaremos a intertextualidade como ferramenta que favorece a comprovação do que está sendo defendido pelo autor, ou seja, os intertextos argumentam a favor do texto em construção.

Umberto Eco diz que (2004):

Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (ECO, 2004, p. 14).

Tal é o leitor que se espera a partir de textos como o de Affonso Romano de Sant'Anna. Levando exemplos de textos como o que neste trabalho é analisado, o professor fornecerá ao seu aluno a oportunidade de conviver com leituras enriquecedoras, afinal, “Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos [...] (PCN, 2001, p. 36). O exemplo da crônica em análise amplia o repertório de leitura do aluno e ativa não apenas o seu conhecimento linguístico, mas também os seus conhecimentos cognitivos, interacionais e de mundo. Utilizando exemplos de textos como a crônica O homem que conheceu o amor, leitura essa que ecoa diferentes vozes, o professor estará despertando e motivando seus alunos a gostarem de ler, visto que tal leitura fará maior sentido para o aluno e cumprirá o que diz os PCN: “As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura” (BRASIL, 2001, p. 36). Assim, esperamos que os professores de língua portuguesa e literatura, através deste trabalho tenham a oportunidade de selecionar textos e elaborar atividades que dialoguem com as vivências dos alunos, de modo a permitir que esses “autores” e

“leitores” identifiquem a presença de outros textos em outros gêneros textuais e o modo de enriquecer-se através da prática constante de leitura.

3.1. Argumentação e intertextualidade

Segundo os *Parâmetros Nacionais da Língua Portuguesa* (2001), o domínio da língua está relacionado com a efetiva possibilidade de participação social, já que é por meio dela que o “homem se comunica, acessa a informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 2001, p. 23). É por isso que linguagem, cultura e sociedade estão ligadas entre si por laços indissolúveis. Todos têm uma linguagem, fazem parte de uma sociedade e têm uma cultura que é a marca da história de suas vidas. Koch (2012) esclarece:

A linguagem humana tem sido concebida, no curso da História, de maneiras bastante diversas, que podem ser sintetizadas em três principais: a. Como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento; b. Como instrumento (“ferramenta”) de comunicação; c. Como forma (“lugar”) de ação ou interação. (...) A terceira concepção, finalmente, é aquela que encara a linguagem como *atividade*, como *forma de ação*, ação interindividual finalisticamente orientada; como *lugar de interação* que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (KOCH, 2012, p. 7)

Nessa perspectiva, a linguagem é uma forma de ação, que se realiza através do discurso, socialmente situado e partilhado. Desse modo, a argumentação depende da intencionalidade e é uma relação entre falantes, não se admitindo, portanto, falar em argumentação sem que esteja vinculada a intencionalidade. Portanto, o que isso significa? Isso significa que a língua não é fruto de construção individual, descontextualizada, mas é prática social, ou seja, se realiza como ação conjunta e partilhada entre sujeitos e o mundo.

Assim, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, tendo como característica a argumentatividade. Não falamos para trocar informações sobre o mundo, mas para convencer o outro a entrar em nosso jogo discursivo, para convencê-lo de nossa verdade. Nesse sentido, pensamos que é por meio da linguagem que o sujeito realiza intencionalmente algo para si e para o mundo em que vive, utilizando a argumentação, de forma explícita ou implícita, suas ideologias inscritas na própria utili-

zação da língua. Segundo Platão e Fiorin (1997):

Um dos aspectos importantes a considerar quando se lê um texto é que, em princípio, quem o produz está interessado em convencer o leitor de alguma coisa. Todo texto tem, por trás de si, um produtor que procura persuadir o seu leitor (ou leitores), usando para tanto vários recursos de natureza lógica e linguística (PLATÃO & FIORIN, 1997, p. 173)

Um desses recursos linguísticos utilizados para convencer o leitor é a intertextualidade. Koch (2011) considera que a intertextualidade em sentido amplo é uma condição necessária para a existência de qualquer discurso, pensamento esse que se afina com o de Marcuschi “O que se pode dizer é que a intertextualidade, mais do que um simples critério de textualidade, é também uma comunhão de discursos e não como algo isolado” (MARCUSCHI, 2008, p. 132). Os *Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa* elucidam:

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade. (BRASIL, 2001, p. 26)

A partir dessas considerações, podemos perceber que os textos são criados a partir de outros textos, ou seja, a presença contínua de intertextos em determinado texto leva o aluno, o professor e o leitor a refletir a respeito da noção de intertextualidade como prova de que todo texto é produto de criação coletiva. A leitura de um romance, de um conto, de um artigo de opinião, enfim, de qualquer obra literária, aponta, e muitas vezes, de forma explícita ou implícita, para outras obras. É justamente esses enlaces de alusões textuais que veremos a seguir.

4. Resultados e discussão: análise da crônica *O homem que conheceu o amor*

A crônica a ser analisada – *O homem que conheceu o amor* – foi publicada no livro *Crônicas para Jovens*, sendo da autoria do poeta e cronista Affonso Romano de Sant’anna. Eis o texto:

O Homem que conheceu o amor

Do alto de seus oitenta anos me disse: “Na verdade, fui muito amado.” E dizia isto com tal plenitude como quem dissesse: sempre me trouxeram flores, sempre comi ostras à beira-mar.

Não havia arrogância em sua frase, mas algo entre a humildade e a petulância sagrada. Parecia um pintor, que, olhando o quadro terminado, assina seu nome embaixo. Havia um certo fastio em suas palavras e gestos. Se retirava de um banquete satisfeito. Parecia pronto para morrer, já que sempre estivera pronta para amar.

Se eu fosse rei ou prefeito teria mandado ergue-lhe uma estátua. Mas, do jeito que falava, ele pedia apenas que no seu túmulo eu escrevesse: “aqui jaz um homem que amou e foi muito amado”. E aquele homem me confessou que amava sem nenhuma coerção. Não lhe encostei a faca no peito cobrando algo. Ele que tinha algo a me oferecer. Foi muito diferente daqueles que não confessam seus sentimentos nem mesmo debaixo de um “pau de arara”: estão ali se afogando de paixão, levando choques de amor, mas não se entregam. E, no entanto, basta-lhes a ficha que está tudo lá: traficante ou guerrilheiro do amor.

Uns dizem: casei várias vezes. Outros assinalam: fiz vários filhos. Outro dia li numa revista um conhecido ator dizendo: tive todas as mulheres que quis. Outros ainda, dizem: não posso viver sem fulana (ou fulano). Na Bíblia está que Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó e Jacó gerou as doze tribos de Israel. Mas nenhum deles disse: “Na verdade, fui muito amado”.

Mas quando do alto de seus oitenta anos aquele homem desfechou sobre mim aquela frase, me senti não apenas como o homem que quer ser engenheiro como o pai. Senti-me um garoto de quatro anos, de calças curtas, se dizendo: quando eu crescer quero ser um homem de oitenta anos que diga: “amei muito, na verdade, fui muito amado” se não pensasse nisto não seria digno daquela frase que acabava de me ser ofertada. E eu não poderia desperdiçar uma sabedoria que levou 80 anos para se formar. É como se eu não visse o instante que a lagarta se transformara em libélula.

Ouvindo-o, por um instante, suspeitei que a psicanálise houvesse fracassado; que tudo aquilo que Freud sempre disse, de que o desejo nunca é preenchido, que se o é, o é por frações de segundos, e que a vida é insatisfação e procura, tudo isto era coisa passada. Sim, porque sobre o amor há várias frases inquietantes por aí... Bilac nos dizia salomônico: “eu tenho amado tanto e não conheci o amor”. O Arnaldo Jabor disse outro dia a frase mais retumbante desde “Independência ou morte” ao afirmar: “o amor deixa muito a desejar”. Ataulfo Alves dizia: “eu era feliz e não sabia”.

Frase que se pode atualizar: eu era amado e não sabia. Porque nem todos sabem reconhecer quando são amados. Flores despencam em arco-íris sobre sua cama, um banquete real está sendo servido e, sonolento, olha noutra direção.

Sei que vocês vão me repreender, dizendo: deveria ter nos apresentado o personagem, também o queríamos conhecer, repartir tal acontecimento. E é justa a repreensão. Porque quando alguém está amando, já nos contamina de jasmim. Temos vontade de dizer, vendo-o passar - ame por mim, já que não pode se deter para me amar a mim. Exatamente como se diz a alguém que está indo a Europa: por favor, na Itália, coma e beba por mim.

Ver uma pessoa amando é como ler um romance de amor. É como ver um filme de amor. Também se ama por contaminação na tela do instante. A estó-

ria é de outro, mas passa das páginas e telas para a gente.

Todo jardineiro é flor jardineiro porque não pode ser.

Reconhece-se a cinquenta metros um desamado, o carente. Mas reconhece-se a 100m o bem amado. Lá vem ele: sua luz nos chega antes de suas roupas e pele. Sim, batem nas dobras de seu ser. Pássaros pousam em seus ombros e frases. Flores estão colorindo o chão em que pisou.

O que ama é um disseminador.

Tocar nele é colher virtudes.

O bem amado dá a impressão de inesgotável. E é o contrário de Átila: por onde passa renascem cidades.

O bem amado é uma usina de luz. Tão necessário à comunidade, que deveria ser declarado um bem de utilidade pública.

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Crônicas para jovens*. Seleção, prefácio e notas bibliográficas: Antonieta Cunha. São Paulo: Global, 2010, p.54-56)

Ao ler esse texto, o leitor é conduzido a pensar que, para amar, precisa ter sabedoria, paciência, equilíbrio e, principalmente, amor próprio. O narrador considera que o amor é um ato recíproco pois, para ter a certeza que está amando, é necessário amar a si próprio e também ser amado, assim sendo, o amor amadurece. De que forma é feito isso? Empregando um tom poético que lhe é característico, o autor parte da experiência de um senhor de 80 anos, idade na qual a experiência é fator inquestionável “Do alto de seus oitenta anos, me disse: ‘Na verdade, fui muito amado’.” (1º parágrafo). No decorrer do texto, o autor fundamenta, em textos alheios, ou seja, utilizando um intertexto com intuito argumentativo para comprovar sua tese, o quanto é difícil “amar e ser amado”, como se pode observar a seguir. No 4º parágrafo, o autor utiliza a intertextualidade explícita para defender seu ponto de vista, que não é comum ouvir alguém dizer “Na verdade, fui muito amado”. Koch (2011) explica que intertextualidade explícita “ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como acontece nos discursos relatados, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas de textos de parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação” (KOCH, 2011, p. 87). O cronista utiliza esse recurso quando cita: “Na Bíblia está que Abraão gerou Isac, Isac gerou Jacó e Jacó gerou as doze tribos de Israel”. Dessa forma, o autor argumenta utilizando a intertextualidade explícita para defender seu ponto de vista. Chama a atenção para o verbo “gerar”, empregado na Bíblia, e não o verbo “amar”. Essa estratégia ajuda a traçar para o leitor o perfil do “personagem” da crônica e também

chama a atenção do quanto é raro alguém dizer “Na verdade, fui muito amado”. Vale enfatizar que a necessidade de se fazer uso do discurso alheio sempre encerra um objetivo, podendo ser, por exemplo, a necessidade do autor em validar sua voz por meio do discurso citado, como acontece com frequência nos textos científicos, nos quais se pode usar a intertextualidade explícita com o objetivo de convencer o leitor a partir de um argumento de autoridade.

Mais adiante, no 6º parágrafo, o autor novamente se vale desse recurso, citando claramente frases de alguns poetas, cronistas e compositores, como, por exemplo, de Bilac: “Eu tenho amado tanto e não conheço o amor”; Arnaldo Jabor: “O amor deixa muito a desejar”; Ataulfo Alves: “Eu era feliz e não sabia” e ainda, cita a frase “Independência ou morte”. Exemplos como esses apresentados permitem ao nosso aluno perceber que o ato de escrever pode ser bem mais interessante e versátil do que se imagina e que ele, como aluno-escritor, também pode lançar mão da intertextualidade para seu processo de criação verbal. De acordo com os PCNs:

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. (BRASIL, 2001, p. 53)

O cronista, no 7º parágrafo, reconstrói o verso da música *Meus tempos de criança*, composta pelo compositor Ataulfo Alves, cujo verso é *Eu era feliz e não sabia*. Affonso Romano de Sant’Anna o reconstrói substituindo o adjetivo *feliz* por outro adjetivo – *amado* – para contextualizá-lo dentro do assunto tratado em sua crônica. Desse modo, o verso utilizado pelo autor foi: *Eu era amado e não sabia*. Num outro contexto, caso o cronista não tivesse citado o autor desta frase, tal recurso se caracterizaria intertextualidade implícita. Koch, Bentes e Cavalcante (2008) explicam

Tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário. (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2008, p. 30).

Pode-se dizer que a intertextualidade implícita é um recurso que poderá ser muito útil e interessante para o aluno quando lhe for exigido a produção de textos publicitários ou charges, dado seu aspecto lúdico.

O autor utiliza novamente no 14º parágrafo a intertextualidade explícita quando cita “E é o contrário de Átila: por onde passa renascem cidades”. Para o entendimento deste intertexto e a devida construção dos sentidos, é necessário que o interlocutor resgate a história de Átila²¹ para identificar os propósitos do locutor. O autor instiga o leitor para que esse pense sobre os acontecimentos históricos passados e atuais. Dessa forma, o autor o convida olhar a realidade e a história de uma forma diferente. Assim sendo, os aspectos extralinguísticos também são levados em conta quando se lê esta crônica, visto que a compreensão textual é um processo altamente subjetivo. É válido ressaltar que nas aulas de língua portuguesa e literatura deve ser dado enfoque a fatores extratextuais, pois possibilita um maior grau de compreensão do aluno e, as crônicas, por vezes, exigem que o leitor acione outros tipos de conhecimentos, além do fato de que algumas leituras requerem conhecimento prévio para construção de sentido. Segundo os PNC (2001):

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 2001, p. 54)

Nesse contexto, podemos dizer que o fenômeno da intertextualidade, de fato, amplia repertórios de leitura e de escrita. Consciente das possíveis articulações entre textos, sendo assim, pode-se afirmar que quem lê a crônica analisada usufrui desses diálogos que a leitura dessa crônica oferece.

Tudo o que vem sendo discutido até aqui intervêm no modo de leitura e lança questões para os estudos nesta área, especialmente no que se refere à formação de um leitor com olhar amplo, que consiga interagir com um texto “enriquecedor” como a crônica de Affonso Romano de Sant’Anna, que busca diferentes linguagens, diferentes olhares, com diferentes formas de expressão do conhecimento. O leitor, ao ler a crônica

²¹ Átila foi um dos líderes guerreiros mais violentos e temidos da antiguidade. Viveu no século V e liderou a tribo bárbara dos hunos. Esta tribo habitava a região onde hoje se localiza a Hungria. Passou para a história por ser um comandante militar muito cruel e violento. Foi apelidado em sua época de “o flagelo de Deus”. Quando entrava nas cidades, ordenava a destruição de casas e construções, além de exigir a execução de várias pessoas, com objetivo de demonstrar poder e despertar o medo nos inimigos. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/atila.htm>>. Acesso em: 24-06-2014.

analisada, se depara com outras formas de dizer, se depara com novos “textos” dentro da própria crônica. Koch (2001) considera que

[...] levando em conta a concepção de texto atualmente adotada pela Linguística Textual, isto é, que todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido e que todo texto é plurinilear na sua construção, poder-se-ia afirmar que – pelo menos do ponto de vista da recepção – todo texto é um hipertexto. (KOCH, 2001, p. 61)

Nessa perspectiva, não é difícil notar que o fenômeno da intertextualidade, ultimamente, se materializou no hipertexto, gerando uma leitura também hipertextual, permeada de elementos que estão também presentes numa tela de computador ou numa página da internet, isto é, com *links*, textos verbais, visuais, sonoros, em que o leitor tem a liberdade de escolher seu fluxo de leitura. Segundo Marcuschi (2007), “O termo hipertexto foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, para referir uma escritura eletrônica não sequencial e não linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real” (MARCUSCHI, 2007, p. 146). Desta forma, o leitor tem condições de definir o fluxo de sua leitura a partir de assuntos que o faz buscar outros temas, de forma ágil e dinâmica o que podemos entender que o sentido de um texto é móvel e não fixo. Para Villaça (2002), “Os hipertextos servem para interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas, os links, e para conduzir o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades” (VILLAÇA, 2002, p. 107) é justamente esse tipo de leitura que encontramos na crônica em tela. O leitor poderá escolher a direção que quer tomar em sua leitura. A intertextualidade que o Affonso Romano de Sant’Anna apresenta em seu texto, torna-se um link em que o leitor poderá consultar ou não. É salutar ressaltar que, embora o leitor não identifique de imediato o intertexto na crônica abordada, assim mesmo ele irá entendê-lo. De acordo com Koch

O hipertexto é também uma forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento do tema. (KOCH, 2011, p. 63)

Pensando dessa forma, torna-se evidente que o hipertexto permite articulações entre textos, na medida em que oferece repertório ao leitor e amplia suas possibilidades de leitura, já que um texto literário pode estar relacionado a outro mais antigo, a exemplo, a crônica lida que remeteu o leitor a poesias, músicas e “lendas” antigas (Átila). A todo o momento, Affonso Romano de Sant’Anna instiga o leitor a buscar outras leituras,

antigas e contemporâneas, para a compreensão de sentido de seu texto. Segundo Martins (2011) “Novos procedimentos narrativos exigem também formas diferentes de leitura” (MARTINS, 2011, p. 166) tal pensamento se afina com o de Zilberman (2001) “Experiências de vanguarda propuseram outras instruções ao leitor (...)” (ZILBERMAN, 2001, p. 107). Dessa forma, é essencial considerar que o leitor “é encarado na condição de sujeito histórico, passível de transformação e adequação em virtude das mudanças sociais e tecnológicas” (PCN, 2001, p. 85).

As afirmações citadas anteriormente evidenciam a importância da leitura hipertextual nas aulas de língua portuguesa e de literatura, a fim de que o professor possa mostrar a seus alunos o funcionamento da intertextualidade, a ponto de expandir as possibilidades de leitura e de escrita, consciente das possíveis articulações entre textos, nesse sentido, quem lê e quem escreve passa a usufruir desses diálogos textuais que a intertextualidade oferece.

5. Considerações finais

A partir deste trabalho, pôde-se perceber que, utilizando a intertextualidade *stricto sensu*, Affonso Romano de Sant’Anna materializa em seu texto outras falas, por meio das quais realiza seu intuito argumentativo, ora com letras de música, ora com depoimentos de poetas ou jornalistas, ora através de histórias antigas. Sendo assim, podemos dizer que o diálogo entre textos ocorridos na crônica analisada não se restringiu única e exclusivamente a textos literários, a exemplo a história de Átila. Nesta perspectiva, o trabalho do professor de língua portuguesa, pautado em textos como a crônica em questão, permite aos alunos interagirem em seu universo com leituras de qualidade, para assim se tornarem leitores competentes. Assim sendo, a crônica analisada permite ao aluno-leitor construir sentidos e significados para si mesmo, visto que, ao relacionar um texto com outro, compreenderá o texto lido na sua profundidade e, por consequência, será capaz de refletir sobre o recurso adotado pelo autor para quando ele próprio for produzir textos. Foi possível constatar também que a crônica de Affonso Romano de Sant’Anna, por ser intensamente permeada de outras vozes, considerou a intertextualidade como uma relação hipertextual. Essa relação promovida pela leitura da crônica mostrou-se imprescindível para a formação de um aluno que realize conexões para além do texto, visto que a todo instante interagimos num mundo cada vez mais globalizado, o que certamente contribuirá para o

desenvolvimento da competência argumentativa, crítica e reflexiva des-
des alunos, pois além de se formar cidadãos que satisfaçam às necessida-
des pessoais e da sociedade, formam-se, também, leitores que possam
construir seus pontos de vista sobre o mundo e defendê-los contribuindo
assim para uma sociedade dinâmica e atenta para às propostas de mu-
dança do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁTILA. *Biografia*. Disponível em:
<<http://www.suapesquisa.com/pesquisa/atila.htm>> Acesso em: 24-06-
2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares
nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portu-
guesa I*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das
Letras, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:
leitura e redação*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São
Paulo: Cortez, 2011.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto,
2011.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____; BENTES, A, C; CAVALCANTE, M, M. *Intertextualidade: diá-
logos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*.
3. ed. São Paulo. Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interaci-
onais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, Analice de Oliveira; MOURA, Adriano Carlos. Babel: ci-
nema hipertextual e processos de significação. In: ____; _____. *Conheci-*

mento em processo: ensaios interdisciplinares sobre linguagem e cognição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Crônicas para jovens I.* Seleção, prefácio e notas bibliográficas Antonieta Cunha. São Paulo: Global, 2010.

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura.* Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.